



A CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA DE MANUEL SÉRGIO VIEIRA E CUNHA

Arthur de Sousa Ananias¹

Gabriel Carvalho Bungenstab²

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise fenomenológica das obras de Manuel Sérgio Vieira e Cunha: Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana? (1989) e Para uma Epistemologia da Motricidade Humana: prolegômenos a uma nova ciência do homem (1994). A pesquisa, conduzida no contexto de uma dissertação de mestrado, tem como objeto de estudo esses livros e adota a fenomenologia como método investigativo. Os resultados evidenciam que a fenomenologia se manifesta de maneira difusa nos fundamentos teóricos da obra de 1989, enquanto no livro de 1994 sua presença se torna mais explícita, especialmente pela influência do pensamento de Merleau-Ponty. Embora Manuel Sérgio utilize referenciais epistemológicos para estruturar a Ciência da Motricidade Humana (CMH), sua principal preocupação reside na compreensão da motricidade humana sob uma perspectiva filosófica. Conclui-se que sua abordagem contribui significativamente para uma reflexão mais ampla sobre a motricidade, indo além de uma visão mecanicista e incorporando uma dimensão fenomenológica. Além de seu valor acadêmico, esta pesquisa também presta uma homenagem à trajetória intelectual de Manuel Sérgio, ressaltando a relevância de suas reflexões para a Educação Física. Ao dialogar com seus escritos, o estudo visa preservar e ampliar o alcance de seu pensamento.

Palavras-chave: Ciência da Motricidade Humana; Educação Física; Epistemologia; Fenomenologia.

¹ Mestrando em Educação Física no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (PPGEF/FEFD/UFG). Bolsista Carrefour. Pesquisa sobre o tema Fenomenologia na Educação Física Brasileira. arthursousa@discente.ufg.br.

² Professor Doutor do curso de Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Goiânia. Tem como interesses de pesquisa, no âmbito da Sociologia, da Filosofia e da Educação Física, as temáticas relacionadas à epistemologia, escola e juventude. gabriel.bungenstab@ueg.br.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, tendo como objetivo a investigação aprofundada da Fenomenologia na Educação Física Brasileira, isto é, através do método fenomenológico. Este texto constitui uma síntese de um capítulo mais amplo da dissertação, no qual são discutidos os seguintes livros de Manuel Sérgio Vieira e Cunha: “Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?” (1989) e “Para uma Epistemologia da Motricidade Humana: prolegômenos a uma nova ciência do homem” (1994). A seleção dos conhecimentos aqui apresentados busca preservar a essência das reflexões desenvolvidas na pesquisa original, proporcionando ao leitor um panorama claro e coeso das principais problemáticas e discussões.

Além de sua dimensão acadêmica, este trabalho carrega um significado de outra ordem, pois se apresenta, de certa forma, como uma homenagem a Manuel Sérgio, um célebre pensador cuja obra e trajetória intelectual deixaram um legado inestimável. Sua erudição e requintado conhecimento manifesto através de suas contribuições representam uma riqueza para o campo. Assim, esta pesquisa também se insere na efervescência de manter viva a sua contribuição, dialogando com seus escritos e ampliando o alcance de seu pensamento.

METODOLOGIA

A investigação está alicerçada nas categorias de epoché, redução fenomenológica e redução eidética, conforme estabelecidas no método fenomenológico de Husserl (2012). A epoché consiste na suspensão dos juízos e pressupostos sobre o fenômeno, permitindo que “à própria coisa” se manifeste. A redução fenomenológica busca descrever o fenômeno tal como ele se dá na experiência vivida, sem recorrer a explicações pré-concebidas. Por fim, a redução eidética possibilita a apreensão das estruturas essenciais



do fenômeno, identificando aquilo que permanece invariável em suas múltiplas manifestações. Logo, o objeto é a fenomenologia na obra do autor referido e a essência é o conteúdo fenomenológico dentro de sua obra.

EDUCAÇÃO FÍSICA OU CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA?

Em 1989 o português Manuel Sérgio publica seu livro “Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?”. O renomado livro contém agradecimentos do autor a pessoas que ele considera importantes em sua experiência vivida, nota-se agradecimentos a professores brasileiros que fizeram parte do horizonte de sua vivência em estadia no Brasil.

É identificado que Cunha (1989) é proveniente da filosofia, do dirigismo e jornalismo esportivo, embora no início de sua experiência vivida com o esporte ele apenas detinha conhecimentos da sua vida clubista (Era clubista do clube de futebol “Os Belenenses”), com a orientação concedida na disciplina “Filosofia das Atividades Corporais” começou a indagar o quadro da Educação Física (EF). Cunha (1989) reflete sua crítica contundente ao estatuto epistemológico da EF na época, apontando para sua dependência de outras áreas do conhecimento e a ausência de um rigor científico próprio. Seu argumento sugere que a linguagem empregada na EF era retórica e carente de critérios claros, o que a tornava uma disciplina sem autonomia teórica, ou seja, sem um corpo de conhecimentos próprios que a sustentasse como ciência.

O português questiona a identidade da EF enquanto campo de conhecimento, pois, ao depender da incorporação de conceitos da biologia, psicologia, sociologia e pedagogia, ela não empregava uma fundamentação própria, situação esta que a direcionava para o desencontro ao rigor científico (Cunha, 1989). A reflexão epistemológica apresentada evidencia a construção histórica da EF como campo de conhecimento, destacando sua desvinculação dos esportes e o desenvolvimento terminológico que reflete transformações conceituais mais amplas. Ao recorrer a documentos em sua análise



histórica, Cunha (1989) cita o decreto-lei português “32241” de 1942 e a observação de Angelo Mosso sobre a generalidade do termo “Educação Física”. Cunha faz críticas ao tratado de Celestino Marques-Pereira afirmando que, embora a EF seja ciência nova, ela não apresenta um modelo teórico de uma ciência nova.

Cunha (1989) comenta sobre as novas concepções da EF, por exemplo a troca do nome para “Ciência do Movimento Humano”, é evidenciado a reformulação de nomenclaturas institucionais, como a transição de "Instituto Nacional de Educação Física" para "Instituto Superior de Cinesiologia", sinalizando um deslocamento paradigmático. Além disso, reconhece que, em períodos mais maduros, pesquisadores brasileiros desenvolveram teses epistemológicas sobre a área, mas argumenta que a renovação exige não apenas a revisão teórica, mas um corte epistemológico capaz de estabelecer uma nova linguagem para a EF.

Cunha (1989) aponta para a falta de fundamentação epistemológica rigorosa na EF, destacando a ausência de uma teoria específica, de uma estrutura lógica de proposições e de uma linguagem formalizada que poderia conferir singularidade ao campo. É compreensível que essa análise sugira uma crise de identidade na EF, que conforme o autor permanece em um estado de indefinição teórica e metodológica, sem um horizonte bem delimitado de coerência teórica.

A crítica de Cunha toca em um ponto essencial: a necessidade da constituição consciente da EF enquanto campo de saber. A ausência de um sistema formalizado e de uma comunidade científica coesa pode ser interpretada como um reflexo de uma crise de intencionalidade no âmbito da EF, isto é, um campo que não se reconhece plenamente enquanto tal. Na perspectiva fenomenológica isso implica que a EF, ao não tematizar explicitamente sua essência e estrutura conceitual, acaba por permanecer na orientação natural, sem realizar uma redução que permita a manifestação de sua própria essência.

Ao afirmar que a EF não extrapola a esfera do subjetivo, do oportunismo e do ideológico, Cunha (1989) parece sugerir que o campo carece de uma fundamentação



eidética, ou seja, de um núcleo essencial que possa ser compreendido mediante um rigor metodológico. Isso aponta para a necessidade de um processo reflexivo que suspenda (epoché) as concepções preestabelecidas e investigue a EF a partir de sua experiência vivida (às próprias coisas) e de sua significação no mundo.

A Ciência da Motricidade Humana (CMH) constitui um corpo de conhecimento autônomo, configurando-se como um saber voltado para um determinado fazer. Para Cunha (1989), essa ciência busca compreender e explicar as condutas motoras, superando a unilateralidade e as limitações da EF que ele nomeia de tradicional, frequentemente vinculada a um imobilismo abstrato do físico (influenciada pelo cartesianismo).

Cunha (1989) considera que a EF se encontra automatizada por estar subordinada a paradigmas científicos de ordem pedagógica ou biológica, argumenta que não se pode investigar o movimento intencional apenas a partir de suas propriedades físicas e biomecânicas. Dessa forma, ele conclui que a Educação Motora deve substituir a EF, tornando-se o ramo pedagógico da CMH.

Cunha (1989) estrutura sua argumentação a partir de conceitos da epistemologia, recorrendo a Bachelard e Althusser para discutir a problemática e o corte epistemológico. Além disso, apoia-se nos estudos de Thomas Kuhn sobre o “paradigma” e na proposta do paradigma emergente de Boaventura. Essas referências sustentam a obra na perspectiva de uma ruptura com modelos científicos anteriores (no caso, os paradigmas da EF de sua época), enfatizando a necessidade de novos referenciais teóricos para compreender a motricidade humana. Dessa forma, a fenomenologia não se apresenta como um pilar estruturante, mas sim como um espectro, sem um aprofundamento significativo que a coloque como um dos alicerces conceituais dessa obra em questão.

PARA UMA EPISTEMOLOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA

Manuel Sérgio recorre da filosofia antiga até a moderna, para problematizar a dicotomização entre fenômenos do mundo e, principalmente, sobre o corpo. Segundo Cunha (1994) o velho dualismo de ordem platônica e cartesiana passou a história, logo, a



compreensão de ser humano se dirige a uma absoluta unidade e totalidade vital psicofísica. Cunha (1994) resumidamente explicita concepções de autores sobre o ser humano até chegar em Merleau-Ponty.

Cunha (1994) observa que compreender fenomenologicamente significa captar a totalidade da intenção que estrutura a consciência, ou seja, perceber não apenas o objeto ou a coisa em si, mas também o sentido que a experiência aborda ao ser “experiência de”. A consciência é sempre uma tentativa de encontrar e construir sentido a partir da realidade e da experiência. “*Parce que nous sommes au monde, nous sommes condamnés au sens [...]*” (Merleau-Ponty, 2012, p. 20), logo, se a consciência/percepção se dirige ao sentido, estamos condenados a ele.

A percepção é o meio fundamental de acesso ao mundo e à constituição do sentido. A fenomenologia, ao se ocupar das significações e essências, não as trata como abstrações puramente cognitivas, mas as vincula diretamente à experiência perceptiva. A percepção, distante de ser um fenômeno isolado, aparece como veículo de comunicação e diálogo, evidenciando sua função intencional na relação do ser humano com o mundo. Cunha (1994) ao afirmar que a percepção supera a antinomia entre subjetivismo e objetivismo, aponta para uma superação de dicotomias tradicionais na filosofia e no meio científico, evitando a polarização entre o sujeito e o objeto. A fenomenologia, assim, não reduz a experiência a uma dessas instâncias isoladas, mas enfatiza o entrelaçamento entre percepção e existência.

Cunha (1994) argumenta que “[...] o verdadeiro saber, determina-se tão-só, nos horizontes abertos pela percepção” (p. 88). E além disso, o ser humano mais do que um conceito operatório é uma consciência encarnada que efetiva sua intencionalidade pelo corpo (Cunha, 1994). Cunha (1994) relata que em 1947 Merleau-Ponty na *Société Française de Philosophie* resumiu o conceito de percepção, dizendo que a percepção é o ato de tornar presente qualquer coisa com a ajuda do corpo.



A percepção não é um conjunto de sensações, ela é um campo fenomenal que se dirige a significações e compreensões que vão para além do campo psicobiológico e de atos mecânicos. O corpo não é um objeto inerte movido no espaço, mas um fenômeno intencionalmente direcionado, evidenciando a inseparabilidade entre corporeidade e significado. Cunha (1994) argumenta que a motricidade do corpo propõe e ao mesmo tempo se expõe a outros corpos, nos quais juntamente constituem a intersubjetividade. A motricidade, entendida também como intencionalidade operante por Cunha (1994), é cabalmente a evidência dialética do “[...] *corpo-outro, corpo-mundo, corpo-coisa*, onde jorra e se actualiza [sic] o sentido” (Cunha, 1994, p. 93). Ademais, continua argumentando que há uma impossibilidade da cisão entre natureza e cultura, isto é, devido a estrutura relacional dos fenômenos do mundo. Em síntese, a motricidade em si é portadora de sentido, isto é, por ser dinâmica e estar em ação (Cunha, 1994), essa característica nos remete a motricidade como portadora de sentido e não apenas um objeto neutro do mundo da vida, ela é sentido imbuído em expressão.

A motricidade para Cunha (1994) procede da corporeidade, a motricidade é expressão manifesta do corpo, da ação do ser humano no mundo. Portanto, a corporeidade sendo aquilo que é mais fundamental para a existência do ser humano no mundo, aquilo que é mais originário, fundamenta à motricidade! Cunha (1994) sobre a percepção, deixa claro que ela não é a soma das sensações. Em síntese, Cunha (1994), então considera a motricidade como expressão fundamental da corporeidade, compreendendo-a como fenômeno que manifesta a presença do ser-no-mundo enquanto um ser intencional, projetado para algo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro de 1989 revela que a fenomenologia, enquanto abordagem filosófica, encontra-se de forma espectral em seus fundamentos teóricos ao longo da obra. Embora haja menções a diversos pensadores, a essência do texto está enraizada na



epistemologia como base para a construção da CMH. É no livro de 1994 (2º ed.) que a fenomenologia em Manuel Sérgio se manifesta com precisão.

Embora Manuel Sérgio utilize fundamentações epistemológicas para fundar a CMH, seu objeto de estudo é a motricidade humana. Para sustentar essa concepção, ele se baseia nas contribuições de Merleau-Ponty, cujo pensamento apresentava uma base fenomenológica para a compreensão desse objeto.

Manuel Sérgio, que nos deixou em 19 de fevereiro de 2025, em Lisboa, Portugal, aos 91 anos, legou inestimáveis contribuições ao campo, tanto em Portugal quanto no Brasil. Seus escritos não apenas merecem ser recordados, mas também rigorosamente estudados, pois constituem um patrimônio intelectual essencial para a compreensão do desenvolvimento da área.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Manuel Sérgio Vieira e. **Educação física, ou, ciência da motricidade humana?**. – Campinas, SP: Papyrus, 1989. – (Coleção corpo e motricidade).
- CUNHA, Manuel Sérgio Vieira e. **Para uma epistemologia da motricidade humana: (prolegômenos a uma nova ciência do homem)**. Prefácio: H. Melo Barreiros. Coleção: Educação Física e Desporto. Lisboa: Compendium, 2º ed., 1994.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Tradução Márcio Suzuki. – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Imprimé en France. Tel Gallimard. Dépôt légal: le 2 janvier 2012.